

ENSINO SUPERIOR/MERCADO DE TRABALHO

RECORTES DE IMPRENSA

# OCDE: desemprego atinge quase 10% dos licenciados

A SITUAÇÃO do emprego modificou-se drasticamente também para os diplomados e a taxa de desemprego deste segmento de mercado, embora seja inferior à da força de trabalho em geral, não deixa de ser significativa, chegando frequentemente a 7/10 por cento.

A revelação, com profundas implicações para as universidades, é feita no relatório «O ensino pós-graduado na década de 80», redigido por dois professores holandeses e recentemente publicado, sob a responsabilidade do secretário-geral da Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Económico (OCDE).

O ESTUDO põe, por outro lado, em dúvida a admissibilidade da existência de um acôrdo de trabalho na área das Humanísticas e de algumas Ciências Sociais, embora, em termos globais, reconheça serem escassas as informações sobre a relevância ou utilidade de um diploma de doutoramento no emprego «não-acadêmico».

Os dados muito parciais — relativos a Austrália, Finlândia, França, Japão, Estados Unidos, Grã-Bretanha, Grécia, Suécia e Suíça — dificultam, aliás, as conclusões globalizantes.

Em termos genéricos, porém, o documento avança conclusões: o ensino superior tem retido mais diplomados de Humanísticas e Ciências Sociais do que das outras áreas, o desejo de um emprego académico (subsequente a uma formação em investigação) não chega muitas ve-

nos pós-graduados não essencialmente orientados para a vida activa e um segundo grupo que procura adiar decisões em relação ao emprego ou melhorar as suas hipóteses profissionais, adquirindo «capacidades comercializáveis».

Em tempos de grande pressão da procura, e em especial em sectores de elevada procura industrial de diplomados altamente especializados, a educação permanente pode parecer «economicamente insensata», segundo o estudo da OCDE.

Em apoio desta posição, é sublinhado que «em certas áreas de Engenharia, Ciências Naturais e Computadores, os custos de oportunidade de seguir estudos pós-graduados têm sido demasiado elevados, levantando sérios problemas às Universidades» que procuram desenvolver a sua própria investigação.

As questões relativas ao emprego dos diplomados do ensino superior têm, naturalmente, estado sempre no centro das políticas-quatro deste grau de ensino.

No caso (exemplar) dos formados em investigação, parecem suceder-se, ciclicamente, os problemas de excesso de oferta, de desemprego e de carências face às necessidades (em recursos humanos) do sistema de investigação.

Há 10 ou 20 anos, quando o planeamento da força de trabalho parecia «mais promissor», muitos países da OCDE alimentavam a esperança de equilibrar a procura e a oferta de mão-de-obra formada em investigação.

E se foi abandonada a possibilidade de adaptar a oferta de novos investigadores às carências globais do sistema, o objectivo remanesce, porém (de forma mais modesta), a medida que os Governos dispunham com as novas ciências e tecnologias, que tantas esperanças congregam.

Na Grã-Bretanha, por exemplo, o aumento previsto para o apoio financeiro ao ensino pós-graduado iria (segundo o relatório da OCDE) incidir, quase exclusivamente, em áreas como as tecnologias de informação e a biotecnologia.

Emprego ainda é no Ensino

Um novo período de crescimento do investimento em I.D. (nos sectores público e privado) parece hoje registar-se em diversos países. O crescimento surge, porém, limitado a determinados campos da ciência e tecnologia em que existem carências, segundo afirmam os que defendem um aumento rápido do investimento em informática, bio-

tecnologia e ciências de materiais.

Por outro lado, existem empregos na vasta gama das ciências físicas e naturais, mas os empregadores «podem pretender aptidões gerais e capacidade global de investigação com aplicação lata».

Nos Estados Unidos, 54 por cento dos 343 500 doutorados em Ciências e Engenharia estavam, em 1981, empregados no sistema de ensino (58,7 por cento em 1973). Trabalhavam no Ensino 30 por cento dos homens diplo-

mados e 34 por cento das mulheres — apenas 33 por cento de especialistas de computadores e 32 por cento dos engenheiros, em contraste com 74 por cento dos doutorados em Ciências Sociais.

Na Austrália, onde a taxa de desemprego é baixa, os doutorados têm poucas possibilidades de emprego no sector privado e entre 20 e 30 por cento vai para o estrangeiro. Imediatamente após a formação, cerca de 50 por cento, obtém emprego (frequentemente temporário) em inves-

DIÁRIA  
SEMANAL  
QUINZENAL  
MENSAL

Dia	1
	2
	3
	4
	5
	6
	7
	8
	9
	10
	11
	12
	13
	14
	15
	16
	17
	18
	19
	20
	21
	22
	23
	24
	25
	26
	27
	28
	29
	30
	31

Mercado de trabalho

